



GEOGRAFIAS DO CUIDADO E AS IMAGENS DA CIDADE: O CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ (MT)

Tamires dos Santos Soares da Silva ¹
Bruna dos Santos e Silva ²
Marcia Alves Soares da Silva ³

RESUMO

Este artigo representa os primeiros passos e reflexões desenvolvidas na pesquisa financiada pela FAPEMAT, intitulada como “Geografias do Cuidado e Cartografias Afetivas do Centro Histórico de Cuiabá - MT: Memória, Patrimônio e Conservação”. Esta pesquisa tem como objetivo se debruçar sobre as dimensões históricas, patrimoniais, arqueológicas e afetivas do que diz respeito ao Centro Histórico de Cuiabá-MT, de forma que os resultados possam subsidiar políticas de conservação e valorização do espaço urbano. Através de um olhar sensível e cuidadoso em relação ao Centro Cuiabano enquanto patrimônio simbólico e histórico, esta primeira fase metodológica visa se aprofundar em revisões bibliográficas no intuito de construir os fundamentos teóricos capazes de sustentar, em etapas posteriores, metodologias que articulem cartografias afetivas, análise histórica e o levantamento e mapeamento de dados. Neste breve artigo, retoma-se, principalmente, as contribuições oferecidas por Kevin Lynch através dos conceitos apresentados em "*A imagem da Cidade*" (1960), onde o autor expõe elementos que se tornam fundamentais para refletir sobre a percepção do espaço. Em consonância, busca-se prospectar referências acerca das Geografias do Cuidado, recente área que tem pautado o cuidado como uma experiência espacial. Em nossa reflexão, tal cuidado direciona-se para pensar o patrimônio cultural no Centro Histórico de Cuiabá. Dessa forma é possível alcançar reflexões capazes perceber tal espacialidade como território vivo e urgente de cuidado - para além do seu espaço edificado.

Palavras-chave: Centro Histórico, Geografias do cuidado, Patrimônio histórico, Imageabilidade, Legibilidade.

ABSTRACT

This article represents the first steps and reflections developed within the research project funded by FAPEMAT, entitled “Geographies of Care and Affective Cartographies of the Historic Center of Cuiabá - MT: Memory, Heritage, and Conservation.” The research aims to explore the historical, patrimonial, archaeological, and affective dimensions of Cuiabá’s Historic Center so that its results may inform public policies for the conservation and valorization of urban space. Through a sensitive and attentive gaze toward the Historic Center of Cuiabá as a symbolic and historical heritage site, this first methodological phase focuses on bibliographic reviews with the purpose of constructing

¹ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT, tamiressoares.tsarq@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT, brunasilvaarqurb@gmail.com;

³ Prof^a Dr^a e Coordenadora do Curso POSGEO da Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT, marcia.alves.geo@gmail.com;



theoretical foundations capable of supporting, in later stages, methodologies that articulate affective cartographies, historical analysis, and data collection and mapping. In this brief article, we mainly revisit the contributions offered by Kevin Lynch through the concepts presented in “The Image of the City” (1960), where the author introduces fundamental elements for reflecting on the perception of space. In parallel, we seek to discuss references within the field of Geographies of Care, a recent area of inquiry that has framed care as a spatial experience. In our reflection, such a perspective of care is directed toward understanding cultural heritage within Cuiabá’s Historic Center. In doing so, we aim to foster reflections that allow us to perceive this spatiality as a living and urgent territory of care — beyond its built environment.

Keywords: Historic Center, Geographies of Care, Historical Heritage, Imageability, Legibility.

INTRODUÇÃO

Cuiabá, a capital de Mato Grosso, foi batizada às margens do córrego da Prainha. Seu traçado inicial foi moldado pelo desenho natural do curso d’água, em um contexto de ocupação devido ao ciclo do ouro, no século XVIII. Observa-se que sua concepção se deu pelas funções da época e que seu traçado inicial permaneceu apesar das transformações urbanas.

As vias estreitas e sinuosas, que compõem o traçado do núcleo originário da cidade, mantêm a configuração fulcral de seu desenho, constituindo uma parte integrante e de grande importância ao conjunto edificado, destacando seu papel arranjador nos ritmos dos edifícios e dos deslocamentos na contemporaneidade. Embora tenham sido modificadas por intervenções que alteraram sua justeza inicial - como a adoção do asfalto e a delimitação entre calçadas e leito carroçável, como resposta à circulação crescente de automóveis - as vias continuam a estruturar os trajetos por meio de caminhos que se revelam serialmente.

Além disso, a malha urbana do século XVIII tinha como premissa a identificação de pontos de referência na paisagem, à exemplo: as torres das igrejas. Estas, ainda hoje, enquadram eixos visuais como pontos de orientação dentro da cidade, colaborando para a construção da imagem por meio do que Lynch (1961) denomina de “marcos visuais e simbólicos”. A preservação desta estrutura, permite que o território seja percebido de modo associado à época de sua proposição, possibilitando o despertar de memórias e a criação de novos sentidos que podem reforçar a apropriação e o pertencimento das pessoas.

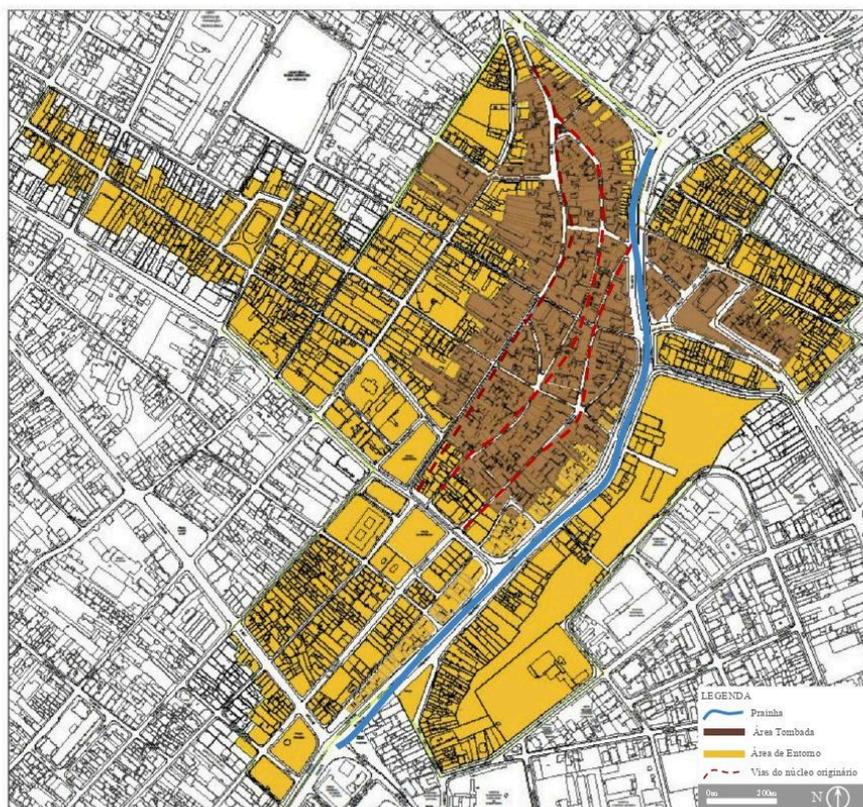


figura 1 - Mapa do Centro Histórico de Cuiabá.

Fonte: Base de dados: IPHAN, modificado por Bruna Silva. 2025

O Centro Histórico de Cuiabá, portanto, configura-se como um território marcado pela sobreposição de tempos, memórias e práticas sociais, reunindo símbolos que representam desde o seu período colonial ao contemporâneo. Para esta pesquisa, propõe-se, a partir do reconhecimento dos elementos que configuram a paisagem e das diretrizes impostas por normativas e legislações, uma aproximação sensível e relacional do espaço urbano, sustentada pelo entendimento de que o território transcende sua dimensão física e funcional. Busca-se, assim, interpretar as percepções possíveis sobre os lugares, ressaltando o papel das relações afetivas, sociais e emblemáticas na construção da paisagem, em especial, quando pensamos a dimensão patrimonial.

Nesta importância, nos dedicamos aos caminhos que permeiam a discussão da dimensão das relações sociais afetivas que existem e acontecem no cotidiano desse lugar. Dessa forma, o artigo apresenta as reflexões iniciais da pesquisa⁴ intitulada como “Geografias do Cuidado e Cartografias Afetivas do Centro Histórico de Cuiabá – MT: Memória,

⁴ financiada pela FAPEMAT.



Patrimônio e Conservação” - que, através de uma equipe multidisciplinar (núcleos de patrimônio, georreferenciamento e arqueológico), busca se debruçar sobre suas dimensões históricas e sensíveis.

Diante disso, interessa-nos compreender como essas dimensões se articulam na construção da imagem mental (entendida também como uma ferramenta de compreensão e organização da realidade) e no cuidado com a cidade - assimilando que nesta vinculação reside o cerne da relação entre população e patrimônio.

Como introdução a esta pesquisa, nos aproximamos de bibliografias que abordam os temas centrais, contribuindo para a construção do referencial teórico e para os fundamentos que norteiam a discussão da proposta. Entre os temas, destacam-se as discussões dedicadas ao patrimônio, à construção da imagem da cidade, às dimensões afetivas do espaço e às geografias do cuidado, que oferecem subsídio e embasamento para compreender as múltiplas relações que estão presentes nessa atmosfera.

No que se refere à discussão central deste artigo, o foco recai sobre o entendimento da dimensão afetiva diante de um espaço social, político e simbólico - entendida como capaz de moldar e sustentar as práticas cotidianas. Essa etapa ancora-se em provocações conceituais que salientam, sobretudo, a percepção e interpretação do território, compreendendo o espaço como um campo de experiências e relações que ultrapassam o visível.

METODOLOGIA

Compreendendo a constituição heterogênea do grupo que impulsiona esta pesquisa - formado por pesquisadores oriundos de diferentes áreas do conhecimento (Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Arqueologia, História) -, estruturamos núcleos de atuação específicos, voltados a distintas frentes: patrimônio, arqueologia e georreferenciamento. Essa partição não implica isolamento, ao contrário, visa permitir que as abordagens se aprofundem em seus objetos específicos e, simultaneamente, se articulem. É de interesse coletivo que, em diversos momentos, essas frentes se encontram, de modo que o produto final expresse uma visão plural e abrangente, mas singularmente afetiva do território.

Como guia primário de articulação, buscamos desenvolver análises relacionais entre cuidado, memória e espaço urbano. Portanto, a partir deste princípio, as escolhas metodológicas neste projeto vem sendo delineadas, orientadas por uma postura que valoriza o observar, o sentir e o estar no território. Com a premissa de ser, sobretudo, de natureza

qualitativa, exploratória e interdisciplinar, estruturamos este percurso em diferentes etapas complementares. A primeira fase contempla a revisão bibliográfica⁵, documental e arqueológica, voltada ao levantamento de literatura acadêmica e de documentos históricos e culturais sobre o Centro Histórico de Cuiabá e sobre as políticas de preservação do patrimônio.

Para garantir que o “ir a campo” fosse realizado de maneira compartilhada e consciente, buscamos, inicialmente, balizar saberes e conceitos. Cada núcleo vem promovendo oficinas de partilha, nas quais foram expressas experiências, percursos e conhecimentos técnicos próprios de cada área. Essa etapa inicial foi essencial para a criação de uma linguagem comum e para o alinhamento das metodologias que orientam o trabalho coletivo.

O presente artigo se insere nesse contexto, tomando como recorte o trabalho desenvolvido pelo núcleo de Patrimônio, composto por arquitetas e urbanistas, geógrafos e historiadores. Dando início a esta primeira fase, buscamos articular autores clássicos e contemporâneos que fundamentam as discussões sobre paisagem, patrimônio e cuidado, instaurando um diálogo interdisciplinar que tem como eixo estruturante a percepção⁶ - elemento capaz de articular teoria e prática, sensibilidade e método.



figura 2 - levantamento piloto.

Fonte: Bruna Silva. 2025



figura 3 - segundo levantamento em equipe

Fonte: Carla Souza. 2025

Ainda que transcenda o que se propõe explicar neste artigo, cabe antecipar que, como desdobramento dessa etapa teórica, elaboramos um formulário de avaliação do estado de conservação daquilo que é material, acrescido de camadas afetivas que permitem o registro daquilo que se sente ao observar os detalhes inseridos no território, em especial, o estado de

⁵ constituidora do eixo central deste artigo;

⁶ entendida como prática de reconhecimento, interpretação e aproximação sensível do espaço;



conservação das edificações que encontram-se na área que constitui o Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico do Centro Histórico de Cuiabá. Esse instrumento, ainda em processo de lapidação, foi concebido para acolher tanto o olhar técnico quanto a percepção sensível do pesquisador, transformando o ato de observar em um exercício de reconhecimento e pertencimento. Nessa abertura ao sensível, temos buscado provocar os afetos despertados em tais registros realizados pela equipe, em uma cartografia afetiva que una materialidade e emoção como dimensões indissociáveis da paisagem urbana e como parte de metodologias participativas e inclusivas para pensar o patrimônio cultural.

Por fim, ao articular todos os dados obtidos pelos núcleos, prevê-se também a produção de material didático acessível ao público, acompanhada da implementação de QR Codes em pontos estratégicos do Centro Histórico de Cuiabá. A construção desse material ocorrerá por meio de oficinas colaborativas com moradores, comerciantes, pesquisadores e gestores, buscando compreender as relações afetivas que a população estabelece com o território. Pensados para serem alimentados de maneira contínua e aberta, ao acessar os QR Codes, os transeuntes poderão acessar e incluir saberes sobre os imóveis situados na área tombada e em seus setores de entorno. Desse processo coletivo, pretende-se tecer uma síntese ampliada - construída por muitas vozes, mas sensível às singularidades que o lugar possui, como expressão de memória, cuidado e pertencimento. Tais ações configuram-se como instrumentos de difusão de conhecimento e valorização da memória urbana, fortalecendo o vínculo entre pesquisa, patrimônio e comunidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma análise do Centro Histórico de Cuiabá enquanto um território sensível e cheio de memórias e afetos, torna-se necessário buscar referenciais teóricos que abracem essas dimensões. Nesse sentido, além do resgate teórico oportunizado por Kevin Lynch (1960), e outros autores clássicos acerca da percepção da paisagem, partimos também das reflexões adquiridas através das Geografias do Cuidado, campo de discussão ainda incipiente, que traz abordagens relevantes para a pesquisa em questão.

Dialogar sobre a cidade é, ou deveria ser, dialogar sobre as pessoas. Para compreendê-la enquanto lugar, é necessário aproximar-se daquilo que os sujeitos, entendidos como atores sociais reais (Schmitt, 2011), emanam - de suas percepções, afetos e modos de



estar no mundo. A relação sujeito-lugar tem sido explorada por diversos autores, mas o que nos interessa aqui é pensar nos modos de aprofundamento e aprimoramento dessa relação.

Nesse sentido, Lynch, em *A Imagem da Cidade* (1961), dedica-se a compreender o aspecto das cidades e as possibilidades de transformação disso. Sua abordagem parte de uma leitura visual do espaço urbano e “limita-se aos efeitos dos elementos físicos perceptíveis” (p. 57), mas reconhece que, a cada instante, há muito mais fenômenos acontecendo além daquilo que os olhos são capazes de ver ou os ouvidos capazes de captar.

Embora a percepção se apresente como uma perspectiva capaz de integrar distintos campos de conhecimento, a que aqui nos referimos ultrapassa o domínio do visível (Roqué, 2020), envolvendo também as dimensões sensoriais e afetivas que compõem a experiência espacial. É nesse entremeio invisível, campo sensível e ordinário, que se revelam elementos profícuos a serem interpretados.

Apesar da abreviação de seu âmago, Lynch nos (re)lembra que os elementos móveis de uma cidade, sobretudo as pessoas e suas atividades, são tão importantes quanto suas partes físicas e imóveis (Lynch, 1960, p. 11). Tal afirmação revela a amplitude de sua abordagem e justifica a escolha deste referencial inicial para sustentar nossa reflexão.

Ainda que estejamos ancorados naquilo que Lynch discorre sobre a percepção - constatada por ele como fragmentada -, esse conceito está inserido no que tange à sua maior contribuição: à formulação da *imagem*. Para o autor, a imagem resulta da soma entre a percepção imediata e a memória das experiências passadas, sendo capaz de interpretar informações, orientar ações e articular os múltiplos sentidos de apreensão do espaço urbano.

Compreendendo a cidade como esse artefato coletivo, tecido por inúmeros sujeitos e suas razões particulares, Lynch destaca uma qualidade rara, mas essencial à estrutura cidadina: a *legibilidade*. Esta pode ser entendida como a nitidez da paisagem urbana, ou, como afirma o autor, “a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente” (Lynch, 1960, p. 13). A ausência dessa legibilidade, pode desencadear experiências emocionais negativas que ultrapassam a simples incerteza geográfica, afetando o modo como o sujeito se insere e se orienta na cidade, também afetando suas experiências de cuidado com aquilo que lhe é “alheio” ou “desconhecido”.

A imagem do ambiente é formada individualmente e, quando bem estruturada, pode gerar uma sensação de segurança emocional. Entretanto, apesar de reconhecer essa particularidade, o autor demonstra a possibilidade de agrupamento desses sujeitos através de uma cultura comum, indicando essa individualização como um fator que gera condições



inumeráveis - importantes para o debruçar de outras áreas, compreendendo que existem tipos formais de análise dessa imagem: identidade (no que tange a identificação), estrutura (a partir de uma perspectiva relacional com o sujeito) e significado (prático ou emocional).

Lynch (1960, p. 15) observa que “o doce sentido do lar é mais forte não só quando o lar é familiar, mas também distintivo”, apontando que essa distinção contribui para o sentimento de pertencimento e, ao organizar a figura mental, os elementos podem ganhar identidade. Reconhece, contudo, que há ambientes cuja clareza não se manifesta pela previsibilidade, mas pela abertura às surpresas que convidam à descoberta - ainda assim, é essencial que permaneça visível a possibilidade de saída, o caminho de retorno.

Cumprе ressaltar que não se trata aqui de delegar à cidade a responsabilidade pela formação dessa imagem, visto que “as imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio” (Lynch, 1960, p. 16) . Ou seja, a imagem constitui também uma produção ativa, realizada por meio da percepção. Assim, o sujeito não apenas apreende a imagem da cidade, mas participa de sua transformação, de modo que ela não se configure como algo fixo ou definitivo, mas como um campo aberto, suscetível a um contínuo processo de construção.

Nesse envolvimento entre sujeito e espaço, dissolve-se a dualidade entre características físicas e afetivas. Ainda que os elementos urbanos insinuem ou determinem - a partir de sua própria estrutura - certas imagens, é no campo do particular, muitas vezes sustentado pela familiaridade e tem em pelo cuidado, que o significado se forma.

Apesar das individualidades, Lynch (1960, p. 17) observa que, em contextos de homogeneização social, os membros de um mesmo grupo tendem a partilhar percepções, o que desperta o interesse dos planejadores urbanos em projetar “um modelo de ambiente que muitos possam desfrutar”. O autor, contudo, nomeia estes planejadores como manipuladores do meio físico, revelando o limite dessa pretensão. Concordamos com sua observação ao reconhecer que há camadas que transcendem a manipulação técnica, sendo estas expressas nas práticas cotidianas dos atores sociais. Essa dimensão, que desafia e reinterpreta o espaço planejado, manifesta-se de forma intensa em muitos contextos brasileiros, sobretudo nas periferias (Queiroga, 2012).

Dentro daquilo que pode ser provocado e evocado, surge o conceito de *imaginabilidade*, como sendo uma possível qualidade dos objetos físicos que, através de texturas podem facilitar a produção de imagens mentais estruturadas, “onde os objetos se podem não apenas ver, mas também são apresentados de uma forma definida e intensa aos



nossos sentidos” (Lynch, 1960, p. 20). O autor apresenta essa característica como convidativa e, ao associar o conceito às cidades que vivenciam a sobreposição de tempos de forma fragmentada - como é o caso do território que aqui analisamos -, sugere que, quando pensadas de modo articulado, essas partes distintas podem se integrar em um modelo de grande continuidade. Assim, “o observador perceptivo e familiar poderia recolher novos impactes estéticos sem aniquilar a sua imagem básica” (Lynch, 1960, p. 20), tornando-se um profundo conhecedor de seu ambiente e, sobretudo, de sua história.

Nesta obra, para se aproximar da imagem do meio ambiente, Lynch examinou diferentes áreas da cidade e dialogou com seus habitantes, buscando compreender quais formas geravam imagens mais fortes e duradouras. A partir desse processo, identificou cinco elementos estruturadores - vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes - que orientam a leitura e a construção da imagem urbana. Esses elementos se revelam, em nossa análise, como categorias que, ao subdividir a investigação no espaço, permitem enxergar o todo.

Nessa concordância, somam-se às nossas reflexões as contribuições de Gordon Cullen em *Paisagem Urbana* (1961). O autor enfatiza a importância dos conjuntos construídos e, em sintonia com Lynch, destaca o valor da nitidez espacial - aquela que permite ao observador reconhecer-se no espaço, afirmar “estou aqui” ou “estou a entrar aqui”. Ao compreender a paisagem como esse conjunto indissociável, Cullen também a desdobra em seus elementos constitutivos, estando estes “empenhados no concerto de uma infinidade de fatores que possibilitem a criação de uma organização funcional” (p. 10).

Em continuidade a essa perspectiva, Cullen (2008) também mantém o foco na percepção através da visão, atribuindo-lhe o poder de “evocar reminiscências e experiências, com todo o seu corolário de emoções” (p. 10). Seu compromisso é compreender como se processa essa evocação emocional - independente de nossa vontade - por meio do ambiente construído. Para isso, propõe três aspectos fundamentais: o óptico (a visão serial, que acompanha o movimento), o local (relativo à posição do corpo no espaço) e o conteúdo (os elementos que individualizam uma cidade, um lugar). Assim, para além das concordâncias com Lynch, Cullen acrescenta um foco maior na dimensão sensível, ao destrinchar as possibilidades dos estímulos emocionais e das sensações que emergem à medida que o sujeito percebe e é atravessado pelos elementos físicos que compõem a paisagem urbana.

Das camadas exploradas por Cullen, e, de certa maneira, por Lynch, emerge o aspecto de observar as apropriações, isto é, de se ater ao movimento e à ocupação estática das pessoas



nos lugares. Estas apropriações são uma das formas de vivenciar o espaço revelando o “aqui” da dimensão humana, da escala do vivido. É nessa escala que se manifesta, sob o viés da morfologia, o relacionamento (Cullen, 2008, p. 80), a comunicação entre grupos (Lynch, 1960, p. 14), e, em um sentido mais profundo, o cuidado.

O tema do cuidado não pertence a uma única área do saber. Hoje, é possível encontrá-lo discutido na psicologia, na medicina, na filosofia, na geografia e em outras disciplinas que reconhecem nessa palavra mais do que um termo - um modo de ver e interpretar o mundo, uma abertura conceitual que permite múltiplas leituras e abordagens. Em diferentes campos, o cuidado tem sido compreendido como prática relacional que articula ética, afeto e responsabilidade, revelando-se, portanto, como uma categoria capaz de aproximar o sujeito do espaço. Ainda que de áreas muito distintas, nesses estudos, podemos ver como as relações e práticas de cuidado estão implicadas na produção de espaços sociais específicos (Conradson, 2003).

Apreender a paisagem através do cuidado é compreendê-la em suas múltiplas camadas - moldadas por redes, estruturas econômicas, temporalidades e políticas públicas - que evidenciam desigualdades de acesso, visibilidade e reconhecimento do cuidado nas escalas urbana e nacional (Conradson, 2003; Milligan e Wiles, 2010; Middleton e Samanani, 2020; Power e Williams, 2020; Soto-Villagrán, 2022). Ao se articular com o patrimônio urbano - compreendido e citado não apenas como herança material, mas como território de memórias - o cuidado se evidencia como elemento estruturante da vida nas cidades. Refletir sobre as ações coletivas de resistência, de produção e de preservação é, portanto, um modo de revelar o papel ativo das comunidades enquanto agentes que moldam a cidade através das experiências cotidianas - expressões inseparáveis de sua morfologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Retratar este objeto de estudo exige uma abordagem atenta às múltiplas camadas que o constituem: de tempo, vida e de sentidos que se entrelaçam na tessitura do território. Cada uma delas guarda vestígios de um modo de habitar, de um ritmo e de uma forma de compreender o espaço, compondo, em conjunto, o meio ambiente que hoje se encontra. Trata-se de um lugar tecido por uma sequência de tempos que não se deixam conter; sequências que, por vezes, são invertidas, interrompidas, abandonadas, anuladas (Lynch, 1960, p. 11).



Mais do que definir quais são as imagens da cidade, nossas discussões têm se voltado a compreender como essas imagens são compostas - e como essa formação, mental e material, oferece desafios concretos para compreender a paisagem do Centro de Cuiabá. A realidade do lugar, assim como de tantas outras áreas históricas do Brasil, é marcada pelo descaso: diversos imóveis deixados à ruína, enquanto uma parcela dos “indesejáveis” - população marginalizada - ocupa o território em seus becos, bancos e, dependendo do ponto de vista, recintos.

Essa realidade revela que há ganhos em uma abordagem não linear, disposta a ir e vir com o que acontece no cotidiano. Entretanto, apesar desta maleabilidade, é necessário se aprofundar - desde o princípio - em métodos e perspectivas que orientem a aproximação com o território, de modo a guiar o olhar para os detalhes dessa paisagem - reconhecendo tanto aquilo que é comum nas análises quanto o que se transforma a partir do que acontece. Iniciar a pesquisa ancorando-se nessas bases é construir um desenho inicial de leitura, firme o suficiente para sustentar a abertura ao imprevisível. Assim, estar aberto não significa agir sem direção, mas se preparar para ser parte ativa do processo de apreensão do lugar.

A partir destas reflexões, nos debruçamos ao aprimoramento da percepção na prática, entendendo-a não apenas como elemento formador da imagem, mas como uma ferramenta de estímulo a um olhar atento às minúcias que revelam o cuidado no/do/com o espaço. Essa percepção, exercitada no território, tem-se mostrado como um ponto relevante não só para reconhecimento das partes daquilo que é físico, mas também para um reconhecimento de si mesmo enquanto parte ativa da paisagem. Tendo, portanto, como possível resultado inicial um estímulo ao pertencer, ao lembrar e ao se identificar com o lugar - exercendo, então, uma prática de cuidado.

Adquirir esse olhar minucioso permite uma apreensão mais honesta do espaço, e dessa forma, oportuniza uma compreensão sensível sobre as potências e as carências que se revelam ao mergulhar nas dinâmicas do cotidiano e nas formas de apropriação. Esse exercício de atenção possibilita compreender o espaço urbano em sua complexidade, reconhecendo as múltiplas camadas que a constituem. Todas essas discussões teóricas se entrelaçam e nos capacitam para que possamos aprofundar na complexidade que dá corpo ao Centro Histórico de Cuiabá.

Compreendemos que a legibilidade e a imageabilidade formam-se no campo do imaginário à medida que o sujeito conhece o lugar e se torna íntimo de suas formas e ritmos. Ainda que, muitas vezes, a própria organização urbana não favoreça essa legibilidade, a



vivência cotidiana e os vínculos afetivos permitem o surgimento de outras formas de reconhecimento no (e do) espaço.

Como apontam Latham e Layton (2019) - aporte teórico significativo para o desdobramento das reflexões provocadas nos tópicos anteriores -, as infraestruturas sociais, compostas por pessoas e suas experiências no/com o coletivo, tornam visíveis as dimensões públicas de espaços frequentemente negligenciados e desvalorizado. Seguindo essa perspectiva, é possível compreender outras formas de organização da cidade: à medida que o indivíduo habita o lugar, observa o espaço, traça percursos, estabelece rotinas e constrói memórias, ele produz modos próprios de organizar e significar o território - modos que tornam o espaço legível, não pela clareza formal, mas pela experiência, pela familiaridade e pelos afetos que se constroem entre os sujeitos e com o próprio lugar. Essas considerações nos permitem ampliar a compreensão do território e, ao questionar aquilo que compõe as minúcias, também podemos reconhecer a estrutura daquilo que é comum - das ações coletivas e dos sentimentos que podem nascer, ainda que individualmente, das relações interpessoais com o lugar (Silva e Maciel, 2020). Tais experiências são caminhos férteis para construir essas geografias do cuidado.

Ao trazer essas discussões para o centro antigo de Cuiabá, propõe-se compreender o cuidado como prática que dá sustentação e continuidade à vida urbana. Cuidar, nesse contexto, é habitar, vivenciar e se fazer presente no espaço; é preservar não apenas o patrimônio material, mas também o sentimento de coletividade e comunidade entre as pessoas. São essas ações - muitas vezes sutis e cotidianas - que promovem a vitalidade urbana e compõem essa infraestrutura social (Latham e Layton, 2019). Para os autores referenciados, ela corresponde a tudo aquilo que sustenta e possibilita a vida pública na cidade, fomentando relações, encontros, convivências, experiências e práticas de cuidado.

No que diz respeito à sua forma, podemos compreender que no Centro Histórico cuiabano, a sinuosidade das vias não torna a paisagem previsível, e as perpendicularidades que atravessam essa ondulação contribuem para a clareza dos percursos, assim como os marcos referenciais que se destacam hierarquicamente na paisagem e auxiliam na orientação do espaço. Deve-se à topografia e à estruturação através do córrego da Prainha esse ganho de lógica formal da época, ainda perceptível no conjunto, apesar do avanço das descaracterizações - promovidas tanto por intervenções desconformes quanto pelo abandono da manutenção (que faz com que muitos imóveis acabem por ruir). Essa condição confere legibilidade ao lugar: os caminhos, ainda que não previsíveis, quando compreendidos através



do traçado contínuo - sobretudo em seu núcleo originário -, permitem um deslocamento quase intuitivo, ritmado pela sequência das fachadas, que expressam uma linguagem própria em suas aberturas, adornos, gabaritos e, em algumas situações, colorações. Ou seja, mesmo diante das tensões entre descaracterização e preservação, o que ainda resiste hoje permite um deslocamento guiado: pelas torres das igrejas, pela sonoridade - que possibilita reconhecer-se “dentro” da área tombada ou nos setores de entorno -, pelos grupos que demarcam territórios e por outras manifestações que, juntas, sustentam a experiência do lugar. Nesses elementos e dinâmicas se delineiam as condições de maior pregnância das imagens, demonstrando uma imageabilidade viva e uma legibilidade que não é óbvia, mas que se revela.

Esses marcos, quando analisados à luz das categorias propostas por Lynch (1960), podem ser compreendidos como elementos estruturadores da cidade, cooperando - fortemente - para a formação da imagem do lugar. Tais elementos assumem um papel fomentador ao evocarem narrativas históricas que reverberam modos de vida e relações sociais, revelando a sobreposição entre forma, memória e experiência urbana. Esse panorama relacional se reflete, para além das condições naturais do terreno, na própria distribuição espacial, que também se apoiava em critérios de segregação. Observa-se, portanto, que esses elementos não são neutros: revelam hierarquias e divisões sociais históricas, constituindo evidências de práticas e valores de uma conjuntura incongruente que ainda ressoa em sua forma - mas que, no cotidiano, encontra novos sentidos no uso, nas presenças e nas resistências.

Nesse contexto, as reflexões sobre a *imagem da cidade* (Lynch, 1960) somadas às referências que nos permitem desdobrar essa dimensão, conferem a esta discussão uma profundidade teórica e um suporte conceitual capaz de elucidar como os indivíduos percebem e significam o espaço urbano, bem como sob quais elementos essa imagem se estrutura. Ao se relacionar com o espaço, o cuidado e o afeto manifestam-se na forma como ele é percebido, vivido e lembrado pelo sujeito. Em outras palavras, as relações interpessoais e afetivas interferem diretamente na imagem da cidade construída tanto individual quanto coletivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro Histórico de Cuiabá é um território vivo, atravessado por memórias, práticas sociais e afetos. A leitura do espaço pela perspectiva da imagem urbana (Lynch, 1960) e pelas geografias do cuidado amplia nossa compreensão do território, permitindo enxergá-lo não



apenas como um conjunto de edifícios e ruas, mas como uma paisagem - formada pela interação entre sujeitos e espaço. Nesse sentido, o patrimônio deve ser analisado em diálogo com dimensões simbólicas e cotidianas, avançando no entendimento do Centro Histórico para além de sua materialidade e propondo uma abordagem sensível e relacional do espaço urbano. Tal perspectiva oferece subsídios importantes para pensar políticas de conservação e valorização do patrimônio, ancoradas na experiência e nos afetos que estruturam a vida na cidade.

Ainda que muito simbólicas e demonstradoras de um enraizamento histórico, as práticas cotidianas atuais promovem novos ritmos de circulação, encontros e experiências urbanas, reinterpretando marcos históricos e redesenhando, de certa forma, a morfologia do espaço. No Centro, essas apropriações também são realizadas por grupos historicamente marginalizados que, mesmo diante de condições de exclusão, ocupam as ruas e redefinem usos e significados dos espaços públicos - expressando, de maneira crua e pública, a desigualdade social. Ao habitar nas ruas, muitas vezes em meio a imóveis abandonados, estes agentes, mesmo nessa condição de invisibilidade e vulnerabilidade, revelam um sujeito que, embora frequentemente ignorado, compõe a paisagem de forma mais (participa)tiva do que muitos outros, contendo sua própria narrativa espacial.



figura 4 - Resistência que mora no intervalo das ruínas.

Fonte: Marcia Alves. 2025



figura 5 - Casarões habitados na Rua Pedro Celestino.

Fonte: Tamires Soares. 2025

Ainda que o foco desta pesquisa não seja detalhar as vulnerabilidades locais - que, embora visíveis neste território, não lhe são exclusivas -, olhar para o Centro Histórico em sua

composição total e discutir percepção através das Geografias do Cuidado é também perceber as pessoas que o habitam. De maneira formal ou informal, as pessoas ocupam o espaço e, por meio de adequações e marcas de uso, revelam uma demanda por cuidado. Esse cuidado é frequentemente exercido apenas por aqueles que estabelecem uma relação de “casa” com o lugar ou por grupos que se identificam com o território e com seus habitantes, demonstrando que, ao compartilhar afeto, certas histórias e geografias também se tornam narrativas de união, cuidado e esperança, capazes de promover transformações possíveis (Lopes e Paula, 2022).

Essas apropriações - também interpretáveis como “relações de cuidar” - revelam indícios do que é, em sua essência real e ordinária, o Centro na atualidade. Ao mesmo tempo, o descaso com os edifícios evidencia uma negligência que atinge não apenas a história, mas também as pessoas que nele habitam. Por isso, propomos uma escala de análise que não busca cristalizar o território, mas apreendê-lo em suas permanências e nos significados que transitam entre ontem e hoje, revelando a complexidade da percepção urbana atravessada tanto pelo reconhecimento das camadas físicas e históricas quanto pelas apropriações afetivas - sejam elas positivas ou forçadas pelo contexto. Como afirmam Lopes e Paula (2022, p. 2), “assim, o que se obtêm são histórias múltiplas, já que múltiplos também são os sujeitos.”



figura 6 - Calçada Galdino Pimentel, manhã de sábado às 10h00. Fonte: Tamires Soares, 2025.



figura 7 - Calçada Ricardo Franco, manhã de sábado às 07h40. Fonte: Tamires Soares, 2025.



Cabe destacar que diversos pesquisadores também vêm se debruçando, há algum tempo, sobre estas múltiplas camadas deste território; nossa proposta soma-se a essas investigações, contribuindo para o fortalecimento dos registros existentes e para a valorização das formas populares de apropriação e uso. Assim, reafirmamos o compromisso com uma leitura sensível e plural do espaço urbano, na qual memória, afeto e cotidiano se entrelaçam como dimensões fundamentais da cidade vivida.

Entretanto, esse exercício evidencia a necessidade de um mergulho profundo no objeto, pois é nele que se revelam, mesmo diante de mazelas semelhantes às de outros contextos, as camadas históricas e humanas que constituem o lugar, a paisagem, a imagem, o imaginário e o cuidado. Nosso compromisso, enquanto produto desta pesquisa, é o de deter-se nas formas pelas quais essas dimensões se manifestam, compreendendo como, por meio dos materiais produzidos, será possível transformar imagens e estimular relações e práticas de cuidado, reconhecendo, no modo de vida popular, aquilo que transcende os registros históricos e evidencia a riqueza das apropriações cotidianas.

REFERÊNCIAS

CONRADSON, David. Geographies of care: Geographies of care: spaces, practices, experiences. **Social & Cultural Geography**, Vol. 4, No. 4, p. 451-454, 2003.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **Dimensões públicas do Espaço Contemporâneo: Resistências e transformações do territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. 2012. 284 f. Tese (Livre-docência em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LATHAM, Alan; LAYTON, Jack. **Social infrastructure and the public life of cities: Studying urban sociality and public spaces**. *Geography Compass*, v. 13, n. 7, e12444, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/gec3.12444>

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1960.

LOPES, Jader Janer Moreira; PAULA, Sara Rodrigues Vieira de. Assim se benzem crianças: **Geografias dos cuidados e territórios de infâncias**. *Psicologia em Estudo*, vol. 27, 2022, pp. 1-14.

MIDDLETON, Jennie; SAMANANI, Farhan. Accounting for care within human geography.



Transactions of the Institute of British Geographers, v. 46, n. 1, p. 29-43, 2020.

MILLIGAN, Christine; WILES, Janine. Landscapes of care. **Progress in Human Geography**, V. 34, N.6, p. 736-754, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2871/287175765036/>. Acesso em: 19 out. 2025.

POWER, E. R.; WILLIAMS, M. J. Cities of care: A platform for urban geographical care research. **Geography Compass**, v. 14, n. 1, 2020.

ROQUÉ, Bianca Beatriz. **Geografia sensível e suas origens na estética**. *Geograficidade*, v. 10, n. Especial, p. 183-202, out. 2020.

SILVA, Augusto Rodrigo Bezerra da; MACIEL, Caio Augusto Amorim. **Entre emoções e afetos na geografia: uma imersão no município de Solidão, Pernambuco**. *Revista GeoSertões*, v. 5, n. 9, p. 176-199, 2020. DOI: 10.56814/geosertoes.v5i9.1452.

SOTO-VILLAGRÁN, Paula. Paisajes del cuidado en la Ciudad de México. Experiencias, movilidad e infraestructuras. **Íconos, Revista de Ciencias Sociales**, N.73, p. 57-75, 2022.

SCHMITT, Claudia Job. **Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional**. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 82-112, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/k4kpdGg6DzPTyWpwFDLbpbkR/?lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2025. 2011

THOMPSON, S., & ENGLAND, K. Care Geographies. In: Ashutosh, Ishan; Winders, Jamie (Orgs). **The Wiley Blackwell Companion to Cultural and Social Geography**, John Wiley & Sons Ltd, The Atrium, Southern Gate, Chichester, West Sussex, 2025, p. 505-516.